



ATITUDES E CONHECIMENTOS DOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR PUBLICO DE COIMBRA FACE À VELHICE – INFLUENCIA DE EXPERIÊNCIAS DE VIDA E ACADÉMICAS

Maria Paula Assis de Almeida Cordeiro

mpaulaaac@gmail.com

Professora Coordenadora

Escola Superior de Enfermagem de Coimbra

Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: domínio de Enfermagem [HESC-Centro-Coimbra-742]

Florencio Vicente

fvicente@unex.es

Catedrático de Psicología

Facultad de Educación Universidad de Extremadura

Badajoz (SPAIN)

Académico de la Academia Internacional de Psicología

ABSTRACT

This research study describes and compares attitudes and knowledge on old age among higher education students of Coimbra and the relation of each of those constructs with the following variables: gender, age, course, academic and professional experiences and time spent with older people. A sample of 592 students (equivalent to 1.8 % of the total population) was selected. The instruments used were: a) a social-demographic questionnaire; b) a semantic differential scale (Neri, 1991, 1995); and c) the Palmore-Neri-Cachioni scale, a version of the Palmore Aging Quiz (Harris, Changas & Palmore, 1996; Palmore, 1977). From the analysis of the results, we highlight: a) the positive attitudes, especially among older students, women and those who spend time with older people; b) that students enrolled in health courses show more positive attitudes and more knowledge; and c) that attitudes and knowledge are positively and significantly correlated.

Keywords: Attitudes towards old age; Knowledge of ageing; Higher Education Students.

INTRODUÇÃO

A noção de atitude como predisposição socialmente aprendida para o comportamento é consensualmente aceite no âmbito da Psicologia Social. Desta forma aceita-se que as atitudes se

**ATTITUDES E CONHECIMENTOS DOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO DE COIMBRA FACE À VELHICE – INFLUENCIA DE EXPERIÊNCIAS DE VIDA E ACADÉMICAS**

organizam em sistemas cujo carácter distintivo é o avaliativo, que se expressa afectivamente em termos de intensidade (mais x menos, ou maior x menor) e direcção (positiva x negativa); que orientam a acção e que têm um componente cognitivo (Osgood, Suci & Tannenbaum, 1957). O componente cognitivo é uma estrutura de conhecimentos ou de crenças compartilhadas com outras pessoas. Tais estruturas possibilitam ao indivíduo organizar e hierarquizar as informações recebidas e ajudam a construção das suas próprias noções sobre o mundo externo e sobre si mesmo. São compartilhadas com o grupo no qual ele está inserido, dependendo dos acontecimentos históricos, sociais, culturais que afectam a experiência individual e colectiva.

A velhice é um conceito historicamente construído que se inscreve na dinâmica das atitudes, das crenças e dos valores da sociedade. A marca social da velhice é estar em oposição à juventude, motivo pelo qual é recorrente a oscilação entre a idealização e a depreciação do idoso. Desde o final do século XIX que o exponencial aumento demográfico, a maior longevidade humana, as melhores condições de vida, a diversidade de estilos de vida e a maior exigência no desempenho de cidadania, propõem e sedimentam uma nova dinâmica social face à velhice, diferente da presenciada e vivida nos períodos anteriores. A recomposição demográfica que tem por base o aumento do índice de envelhecimento, associada à maior qualidade de vida das ‘pessoas de idade’ (nomeadamente com mais saúde), alterou as atitudes e os comportamentos face à velhice e ao envelhecer.

Em épocas de crise económica e financeira, esta situação torna-se ainda mais delicada pois, por um lado, os gastos com os sistemas de segurança social tendem a crescer até atingirem níveis que chegam a ser considerados excessivos e incompatíveis com a manutenção da capacidade produtiva da sociedade e, por outro lado, os trabalhadores mais jovens podem sentir o seu emprego ameaçado por outros, mais velhos, que pretendem conservar os seus postos de trabalho. Esta situação alimenta representações negativas, que por sua vez, contribuem para o surgimento e generalização do fenómeno que representam, gerando um círculo vicioso. Palmore (2001,2004) revela a sua crença de que o “*ageism*” constitui um “*terceiro ismo*” que, logo a seguir ao racismo e ao sexismo, representa um forte preconceito e discriminação contra uma categoria de pessoas.

Da literatura analisada, identificamos as designações “*aged*” e “*agism*” com atribuições sociais negativas ligadas ao crescimento demográfico com implicação no aumento das despesas sociais. Uma outra perspectiva tem atribuições positivas e apresenta-se com a designação “*pessoa idosa*” tendo como fundamento que esta confere uma dignidade individual às pessoas que, pela idade, estão afastadas da produção económica clássica. Esta atribuição procura contrariar os estereótipos construídos a partir do peso social do grupo de pessoas com mais de 65 anos e idade. Foi neste sentido que no decorrer da Segunda Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, em Madrid, 2002 foi apresentado um plano de acção com o conceito de “sociedade para todas as idades” e foi aprovada a utilização da expressão “*pessoas idosas*” para a revalorização da dignificação das pessoas mais velhas.

Sabemos hoje em dia que iremos viver velhos, e para alguns de nós, mesmo muito velhos. A menos que haja morte voluntária ou accidental, envelhecemos. A longevidade actual coloca a todos uma série de questões: As gerações ascendentes aceitarão um futuro marcado por um aumento em número e em proporção das pessoas de idade? Que lugar e que papel lhe concedem na sociedade? Será que essa aceitação pode ser feita?

Os estereótipos, são transmitidos pela educação e associam-se a práticas sociais discriminativas (Neri, Cachioni & Resende, 2002). A sociedade do conhecimento gerou, uma pluralidade de configurações de relações das instituições de ensino superior e a sociedade. Hoje exige-se às Instituições do Ensino Superior, que sejam organizações adaptáveis, capazes de definir novos domínios transversais e transdisciplinares de conhecimento e de competências e novas formas de responsabilidade social. Sendo a velhice um facto social relativamente novo, desafios estão lançados especialmente para as universidades, as quais apresentam propostas ainda tímidas para tal formação profissional (Neri, 2006).

Este estudo nasce da preocupação com a responsabilidade das instituições de ensino superior pela formação de recursos humanos qualificados para atender a velhice e o envelhecimento de pessoas e



PSICOLOGÍA POSITIVA Y SUS DIFICULTADES

populações nas suas várias manifestações normativas, óptimas e patológicas. Pretende-se contribuir para aumentar a base de conhecimentos sobre educação gerontológica, investigando e discutindo dados relativos às atitudes e conhecimentos de estudantes do ensino superior público de Coimbra, pois no futuro, eles trabalharão em áreas cruciais ao bem estar da população e ao progresso social. Além disso, conhecer esses mediadores do comportamento ajuda a compreender as práticas sociais e académicas e propor alternativas educacionais de médio e longo prazo para elas.

O período da vida humana que vai aproximadamente dos vinte aos quarenta anos de idades é denominado de adulto jovem. É uma fase caracterizada por mudanças e ajustamentos pessoais e sociais importantes como independência pessoal (emocional, social e económica) mudanças no campo dos interesses e no sistema de valores, estabelecimento profissional, matrimónio, assumir responsabilidades cívicas e maior auto-controle. É uma fase em que normalmente o indivíduo estabelece padrões típicos de comportamento e as linhas mestras da sua personalidade. A frequência universitária é também conceptualizada como um momento de transição de vida, em que o sujeito encontra um contexto que o vai ajudar por um lado, a dissolver as suas actuais estrutura cognitivo-afectiva ainda muito focada no final da adolescência (especialmente durante os primeiros anos) e, por outro, a construir uma outra estrutura mais complexa e adaptada aos desafios do mundo do trabalho (Rebello, 2002). Sendo assim, estas mudanças podem influenciar nos significados que estes indivíduos possam atribuir ao idoso e à velhice pessoal (Rosa, 1996).

Neri e Jorge (2006) e Cachioni (2002) afirmam que a educação é um importante agente promotor de novos comportamentos e de novas formas de pensar valores, crenças e expectativas sociais e individuais sobre a velhice. Ela pode ocorrer em vários domínios e níveis. Os conhecimentos gerontológicos, quando falsos ou escassos, dão origem a avaliações equivocadas sobre a velhice e reflectem-se em preconceitos positivos e negativos em relação ao envelhecimento, o que resulta em denominações, afirmações, formas de tratamento, práticas e políticas inapropriadas em relação aos idosos.

Para Malliarakis e Heine (1990), a qualidade e a quantidade do conteúdo sobre envelhecimento abordado no período de formação afectam directamente a forma como o cuidado será dispensado ao idoso na vida académica, profissional e pessoal.

Nesse sentido, um dos factores principais para adequação do ensino do processo de envelhecer é conhecer as concepções e os conhecimentos básicos dos estudantes sobre a velhice e o envelhecimento, entendendo e predizendo o comportamento académico em relação ao idoso neste contexto (Neri, 2006). Para além da investigação que ainda é necessária para compreender o fenómeno da discriminação em idade avançada, será importante combater no seio de determinados grupos profissionais aquilo a que Gatz e Pearson (1988) chamaram o “*professional ageism*”, sendo uma das maneiras de eleição para o fazer a formação de recursos humanos, que deverá desenvolver para além do conhecimento global e pluridisciplinar numa matéria tão complexa como é o conhecimento do envelhecimento humano, atitudes como a aceitação, a autenticidade, a empatia e a confiança.

No âmbito da saúde, a própria OMS reconhece que “sem a participação das universidades, todo o esforço que se venha a fazer na saúde da população idosa será infrutífero”. Mais incisivos na atribuição de responsabilidades são Ryden e Johnson (1992), na medida em que para eles os “Educadores de Enfermagem” têm a obrigação social de prepararem os Enfermeiros com o conhecimento e competências necessárias para uma clientela cada vez mais idosa.

De acordo com Wagner e Neri (1985), estudos desta natureza não são meramente descritivos pois podem ter aplicações práticas a nível educacional, preventivo, clínico, e podem subsidiar soluções para os problemas individuais, interpessoais e sociais relacionados ao envelhecimento.

A presente investigação tem em vista os seguintes objectivos: a) Avaliar os conhecimentos básicos de gerontologia dos estudantes do Ensino Superior Público de Coimbra, através da escala Palmore-Neri-Cachioni, uma versão do *Palmore Facts on Aging Quiz* (Harris, Changas e Palmore, 1996; Palmore, 1977; b) Descrever a intensidade, a direcção e o conteúdo das atitudes dos estudantes do

**ATTITUDES E CONHECIMENTOS DOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO DE COIMBRA FACE À VELHICE – INFLUENCIA DE EXPERIÊNCIAS DE VIDA E ACADÉMICAS**

Ensino Superior de Coimbra face ao Idoso e à velhice segundo a aplicação da uma escala de atitudes - **escala de diferencial semântica – Inventário de Sheppard**- versão validada e adaptada para o português por Neri (1991, 1995);c) Caracterizar relações entre atitudes e conhecimentos dos estudantes em relação à velhice, e cada um desses construtos com as variáveis sociodemográficas e contacto social/ profissional com pessoas idosas.

MÉTODOParticipantes

Participaram deste estudo 592 estudantes, que frequentam o Ensino Superior Público em Coimbra a que corresponde 1,8% do total da população. Esta amostra é representativa da população com um erro de 3,99% e um grau de confiança de 95%

Dos 592 participantes, 64,2% são mulheres e 35,8% são homens. A faixa etária variou entre 18 e 30 anos, com média de 20,72 anos e desvio padrão de 2,23 anos. Quanto ao estado civil, verificou-se que 96,9% dos sujeitos são solteiros. Os resultados demonstraram também que 43,2% dos estudantes residiam em cidade, 36,0% declararam residir em aldeia, ou seja, em meio rural.

Relativamente à área de estudo, 48,8% dos elementos da amostra frequentavam cursos na área da saúde, 17,8% estudavam nas áreas de economia, gestão e contabilidade e 13,7% frequentavam cursos nas áreas de direito, ciências sociais e serviços. Verificamos também que 37,7% frequentavam o 1º ano dos respectivos cursos, 21,9% o 4º ano e 20,3% frequentavam o 2º ano.

Procedimento

O tipo de amostragem foi a Aleatória Estratificada de tipo proporcional. A participação dos estudantes foi voluntária, mediante formulário impresso e auto-instrucional. Foram respeitadas as exigências éticas para pesquisa com seres humanos e assinado o termo de consentimento informado, que esclarecia os objectivos, o direito ao sigilo e o carácter optativo da participação.

Instrumentos

Fizeram parte do formulário da pesquisa um questionário de índole sociodemográfica constituído por 12 questões. Desta forma, foram avaliadas, por exemplo, questões associadas à idade, género, ao estado civil ao curso que frequentam e área de residência. Também se incluiu uma questão de escolha múltipla (**A partir de que idade considera uma Pessoa como Idosa?**), uma questão dicotómica avaliando a existência de convivência dos estudantes com idosos (convive regularmente com os seus avós ou com outros parentes idosos?), uma outra levantando se tinham experiência de trabalho com essa população (Desenvolve ou já desenvolveu alguma actividade profissional ou de voluntariado envolvendo algum tipo de apoio a idosos?), e duas sobre suas experiências académicas com o tema Velhice (No Curso, já frequentou alguma disciplina que abordasse temáticas sobre a velhice? Já participou em alguma actividade extracurricular sobre envelhecimento / velhice (Congresso, Jornadas, outros eventos).

Para avaliar os conhecimentos básicos sobre a velhice foi usada a escala Palmore-Neri- Cachioni, uma versão do **Palmore Facts on Aging Quiz**(Harris, Changas e Palmore, 1996; Palmore,1977). É composto por 23 questões, com respostas dicotómicas tipo verdadeiro (V) ou falso (F) cobrindo os domínios físico, cognitivo, psicológico e social. A análise da consistência interna do Questionário Palmore-Neri-Cachioni realizada por meio do cálculo do coeficiente alpha de Cronbach realizado por Cachioni (2002) apresentou $\alpha = 0.7545$, que é indicativo de alta consistência e confere confiabilidade aos dados trabalhados.



PSICOLOGÍA POSITIVA Y SUS DIFICULTADES

Para avaliar as atitudes em relação à velhice foi utilizada uma **escala de diferencial semântica – Inventário de Sheppard**- versão validada e adaptada para o português por Neri (1991, 1995) e validada em várias pesquisas (Cachioni, 1998; Cachioni, 2002; Pereira da Silva, 1999; Resende, 2001) para avaliar as atitudes em relação à velhice e destina-se a adultos jovens e adolescentes. Esta escala contém trinta pares de adjectivos relacionados a quatro domínios factoriais: *cognitivo*, *autonomia e instrumentalidade*, *relacionamento interpessoal* e de *persona*. O domínio *cognitivo* é relativo à capacidade de processamento da informação e de solução de problemas, com reflexos sobre a adaptação social (dez itens); o de *autonomia e instrumentalidade* para a realização de tarefas (seis itens); o de *relacionamento interpessoal*, cobrindo aspectos afectivo- motivacionais e sua influência na interacção social das pessoas idosas (sete itens); e o de *persona* alude à imagem social, reflectindo os rótulos sociais comumente usados para designar e descrever as pessoas idosas (sete itens).

Para estudar a fiabilidade da escala utilizada para avaliar as atitudes em relação à velhice (Escala Neri, A.L.) e o conhecimento sobre a velhice (Escala de Palmore, E.) procedemos à análise da respectiva consistência interna. Para tal, calculámos o coeficiente *alpha de Cronbach* para as escalas globais e também para cada um dos domínios, no caso da escala de atitudes.

Os valores apresentados revelam que, na escala de atitudes, o coeficiente apresentou valores compreendidos entre 0.70, no domínio da autonomia, e 0.80, no domínio do relacionamento social. Para o global desta escala observamos o valor 0.88. Na escala relativa ao conhecimento sobre a velhice, o coeficiente apresentou o valor 0.87.

RESULTADOS

Para sistematizar a informação fornecida pelos dados, utilizámos técnicas da estatística descritiva e da estatística inferencial. As técnicas estatísticas aplicadas foram frequências absolutas (n) e relativas (%), medidas de tendência central tais como média aritmética (x), mediana (Md) e moda (Mo), medidas de dispersão ou variabilidade, como sejam o valor mínimo (Xmin), o valor máximo (Xmáx) e desvios padrão (s), coeficientes, tais como, o *alpha de Cronbach* () e correlação de Pearson (r) e testes de hipóteses, nomeadamente, teste t de Student para a diferença de médias, teste de Análise da Variância unifactorial (ANOVA) e teste da significância do coeficiente de correlação de Pearson. A opção por testes paramétricos justifica-se pela natureza das variáveis em estudo e pelo facto de estarmos a trabalhar com uma amostra grande. Em todos os testes fixámos o valor 0.050 para nível máximo de significância, ou seja, a probabilidade máxima aceitável para a ocorrência do erro tipo I.

Os resultados encontrados indicaram que, 44.4% dos estudantes consideraram que uma pessoa é idosa quando atinge idades compreendidas entre os 66 e os 70 anos, seguidos de 21.8% para as quais uma pessoa, é idosa a partir dos 71 a 75 anos e de 16.0% que disseram que os idosos tinham entre 61 e 65 anos. Verificamos também que 79.6% dos estudantes conviviam regularmente com os seus avós ou com outros familiares idosos, 76.0% disseram que não desenvolvia e nunca desenvolveu alguma actividade profissional envolvendo algum tipo de apoio a idosos, 76.7% nunca desenvolveu qualquer actividade de voluntariado envolvendo algum tipo de apoio a idosos, 52.9% já tinham frequentado alguma disciplina onde foram abordadas temáticas sobre a velhice e 85.5% não tinham participado em qualquer actividade extracurricular sobre envelhecimento/velhice.

Na análise das frequências relativas às respostas correctas nas afirmações que compõem a escala do conhecimento sobre a velhice e que poderia variar entre 0 e 30 pontos, verificamos que os resultados se situaram entre 8 e 21 pontos, sendo a média 13.72 pontos com desvio padrão de 2.28 pontos. Metade dos estudantes apresentou resultados iguais ou inferiores a 14.00 pontos. Estes resultados levam-nos a concluir que os estudantes evidenciaram conhecimentos relativamente baixos sobre a velhice.

**ATITUDES E CONHECIMENTOS DOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO DE COIMBRA FACE À VELHICE – INFLUENCIA DE EXPERIÊNCIAS DE VIDA E ACADÉMICAS**

No que concerne aos aspectos que constituem a escala de avaliação das atitudes em relação à velhice verificamos que os estudantes evidenciaram atitudes mais positivas nos itens «Sábio/Tolo», «Agradável/Desagradável», «Interessado pelas Pessoas/Desinteressado pelas Pessoas», «Cordial/Hostil», «Generoso/Mesquinho», «Construtivo/Destrutivo», «Bem-humorado/Mal-humorado» e «Persistente/Inconstante».

Em sentido contrário, os estudantes evidenciaram atitudes mais negativas face à velhice nos itens «Atualizado/ Ultrapassado», «Progressista/ Retrógrado», «Condescendente/ Crítico», «Criativo/Convencional», «Flexível/Rígido», «Independente/Dependente», «Integrado/Isolado» e «Rápido/Lento».

Uma análise geral revela que os estudantes têm atitudes face ao idoso mais positivas nos domínios do relacionamento social e cognitivo e atitudes mais negativas nos domínios da autonomia e da imagem social. Globalmente, os estudantes evidenciaram atitudes moderadamente positivas relativamente ao idoso. O valor médio situou-se nos 1.53 pontos, com desvio padrão de 16.00 e os valores observados situaram-se entre -49 e 57 pontos.

Dos resultados obtidos da análise inferencial destacam-se: a) Os estudantes que possuíam maiores conhecimentos sobre a velhice tendem a evidenciar atitudes mais positivas; b) atitudes positivas, principalmente nos estudantes mais velhos, mulheres e que convivem com idosos; c) Estudantes que frequentam cursos na área da saúde evidenciam atitudes mais positivas e mais conhecimentos; d) atitudes e conhecimentos positiva e significativamente correlacionados.

DISCUSSÃO

A maior barreira para a transformação de atitudes e de comportamentos em relação à velhice é a falta de conhecimento sobre as características e as potencialidades do envelhecimento (Cachioni, 2002; Cachioni & Neri, 2004; Meyer, 2003; Prudent & Tan, 2002; Tan, Zahng & Fan, 2004).

Os dados desta pesquisa colocaram em evidência o papel importante dos estudos formais no estabelecimento de conhecimentos específicos sobre velhice, uma vez que os estudantes que frequentam cursos da área da saúde, que tiveram disciplinas teóricas e práticas mostraram conhecer mais sobre os aspectos físicos, psicológicos e sociais do envelhecimento do que os que estavam em cursos noutras áreas.

Paralelamente, os dados indicam que esses conhecimentos não dependem do senso comum, ou que lidar com idosos não é nem uma actividade que dispensa informação específica e nem uma actividade em que a intuição seja suficiente para garantir o sucesso. Ocorreram correlações positivas e estatisticamente significativas entre os scores das escalas de conhecimentos e de atitudes em relação à velhice, mostrando que há uma interacção recíproca entre estudar sobre velhice, fazer estágios com idosos e apresentar disposições afectivas em relação a eles.

Sabendo que o envelhecimento é um fenómeno estruturante nas nossas sociedades é necessário maior investimento/ incentivo à investigação sobre o envelhecimento, como factores estruturantes do conhecimento, essenciais à sustentação da formação profissional. A qualificação dos recursos humanos constitui, uma estratégia incontornável face ao imperativo ético de garantir intervenção qualificada, na base do saber mais para conhecer melhor os problemas, as necessidades reais, as expectativas, as estratégias de inserção das pessoas que envelhecem, nos seus contextos.

A formação de profissionais qualificados e competentes, não se confina à aquisição de conhecimentos técnico – científicos essenciais ao saber porquê, como e quando intervir. Ela abrange o desenvolvimento de competências axiológicas ao nível da escuta, da comunicação, do respeito pelo direito de cada indivíduo ser sujeito da sua própria vida, mesmo quando esta é afectada por limitações, dificuldades e até incapacidades para se bastar no quotidiano. Ou seja, a formação deve inscrever num ambiente de aprendizagem científica e técnica, mas também de enriquecimento das competências



PSICOLOGÍA POSITIVA Y SUS DIFICULTADES

personais, balizadas por uma conduta ética, estruturante de uma cultura gerontológica, factor de mudança das atitudes e dos comportamentos, nas relações interpessoais e no ambiente institucional. O que é indissociável também de uma política de recursos humanos para esta área, exigente, realista, estratégica, centrada no conhecimento e para o conhecimento do homem que envelhece, nos seus sítios, na sociedade, no mundo que construiu e o constrói.

REFERÊNCIAS

- Allport, G. (1935). "Attitudes" IN C. MURCHISON (ED), Handbook of social psychology, Worcester, Mass: Clark University Press
- Cachioni, M., & Neri, A. L. (2004b). Educação gerontológica: desafios e oportunidades. *Vivencer: Revista Interdisciplinar sobre o Envelhecimento*, 1 (1), 69-78.
- Neri, A. L., & Freire, S. A. (2000). Qual a idade da velhice? In A. L. Neri & S. A. Fernández-Ballesteros, R. (Directora.) (2000). *Gerontología social*. Madrid: Pirámide.
- Freire (Orgs.), *E por falar em boa velhice* (pp.7-19). Campinas: Papirus.
- Gatz, M. e Pearson, C. (1988). Ageism revised and the provision of psychologist, 43, 184-188
- Harris, K. D., & Changas, S. P. (1994). Revision of Palmore's second facts on aging quiz from a true-false to a multiple-choice format. *Educational Gerontology*, 20 (8), 741-754.
- Harris, K. D., Changas, S. P., & Palmore, B. E. (1996). Palmore's first facts on aging quiz in a multiple-choice format. *Educational Gerontology*, 22 (6), 575-589.
- Neri, A. L., Cachioni, M., & Resende, M. G. (2002). Atitudes em relação à velhice. In E. V. Freitas, L. Py, A. L. Néri, F. A. X. Cançado, M. L. Gorzoni & S. M. Rocha (Orgs.), *Tratado de geriatria e gerontologia* (pp.972-980). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Neri, A. L. (2003). Atitudes e crenças sobre velhice: análise de conteúdo de textos do jornal O Estado de São Paulo publicados entre 1995 e 2002. In O. R. M. von Simson, A. L. Neri, & M. Cachioni (Orgs.), *As múltiplas faces da velhice no Brasil* (pp.13-54). Campinas: Átomo Alínea.
- Neri, A. L. ; Jorge, M. D. . Atitudes e conhecimentos em relação à velhice em estudantes de graduação em Educação e em Saúde: Subsídios ao planejamento curricular. *Estudos de Psicologia*, v. 23, p. 127-138, 2006
- Osgood, C. E., Suci, G. J., & Tannenbaum, P. H. (1957). *The measurement of meaning*. New York: Appleton.
- Palmore, E. (1977). Facts on aging: a short quizz. *Gerontologist*, 17 (3), 315-320.
- Palmore, E. (1988). *The Facts on aging Quiz: a Handbook of Uses and Results*. New York: Springer Publishing Company.
- Palmore, E. (2001). The Ageism Survey: First findings. *The Gerontologist*, 41, 337-355.
- Palmore, E. (2004). Research note: Ageism in Canada And United States. *Journal of Cross- Cultural Gerontology*, 19, 41-46.

Fecha de recepción: 8 febrero 2010

Fecha de admisión: 19 marzo 2010